

Sobre a designação “capela” dos Monges

EDUARDO PIRES DE OLIVEIRA¹

Ao longo deste texto e de outros que temos escrito nos últimos tempos sobre a capela dos “Monges”, o maravilhoso e pequenino espaço existente no interior do Convento dos Congregados, tivemos / teremos sempre o cuidado de escrever a palavra “Monges” entre aspas. Na realidade a palavra “Monges”, mesmo com aspas, não é correcta porque os Congregados, ou Oratorianos, não eram monges. Eram sim *padres seculares sem quaisquer votos*². A seu lado poderiam ter leigos, congregantes, algo que, de certa forma, pode fazer lembrar um pouco uma Ordem Terceira³. Usamos, porém, a palavra “Monges” porque o edifício em que esta capela se insere foi e tem sido sempre assim denominado pelas pessoas de Braga, quer na linguagem do quotidiano, quer na literatura de divulgação turística⁴ quer, ainda, em múl-

¹ epoeduardo@gmail.com. ARTIS/Instituto de História de Arte/Faculdade de Letras/Universidade de Lisboa.

² SANTOS, Eugénio – *O Oratório no Norte de Portugal: contribuição para o estudo da história religiosa e social*. Porto: INIC / Centro de História da Universidade do Porto, 1982, p. 36.

³ Idem, p. 38. Veja-se também p. 139: *A aceitação de noviços estava minuciosamente regulamentada, preferindo-se a qualidade ao número, visto que os congregados deveriam entregar-se à acção pastoral continuamente e só a podiam desempenhar cabalmente os sacerdotes, os estatutos recomendavam a admissão do menor número possível de leigos.*

⁴ Apresentaremos aqui apenas dois exemplos, ambos do século passado, um dos inícios (1905) e o outro de meados (1959). O primeiro é o *Guia do viajante em Braga*, da autoria de Azevedo Coutinho (2ª edição, Braga, p. 26-27): *Congregados, no campo de Sant’Anna... No ano de 1739, principiaram-se as obras de construção do **convento** e igreja que é uma das melhores de Braga...*

Por sua vez, no *Guia de Braga. Arte e turismo* (Braga, Câmara Municipal, p. 84), um livro que embora não apresente o nome do autor sabemos ter sido escrito por Álvaro

tiplos estudos como **Convento**. Se perguntarmos aos cidadãos de Braga qual é o nome por que designam este edifício teremos sempre uma única resposta: **Convento** dos Congregados.

Na verdade, se procurarmos a origem dessa prática poderemos dizer que já na documentação do século XVII se usava esta palavra: veja-se, por exemplo, um documento que os oratorianos – que tinham acabado de chegar a Braga em 1687 – lavraram aquando da construção do seu edifício, o *Contrato da obra de pedraria dos reverendos padres do Oratório de S. Filipe Neri com Domingos Moreira* (ADB. Nota do Tabelaio Geral, vol. 446, fls. 46-49, datado de 4 de Maio de 1689), em que se pode ler o seguinte:

... queria edificar seu **convento** no Campo de Santa Ana onde de presente está...

ou

... e para se fazer um lanço de um dormitório do claustro do dito **convento** mandou fazer um rascunho e pôr o dito lanço a pregão...

Do início do séc. XVIII, de 1706, lembramos as palavras da corografia do padre António Carvalho da Costa⁵:

*O **Convento** de S. Felipe de Neri, em que residem quinze padres.*

Por sua vez, no texto que enviou para Lisboa para responder ao inquérito que lhe tinha sido remetido pelo governo central (*Memórias Paroquiais*, 1758), o padre que regia os destinos da nova freguesia de S. José de S. Lázaro escreveu:

*10. Tem o **convento** da Congregação do Oratorio de Sam Felipe de Neri e o das religiosas de Nossa Senhora da Penha de França, ambos situados no referido Campo de Sancta Anna...*⁶

Dória, podem-se ler as seguintes palavras: *Novamente na Avenida, seguiremos pelo mesmo passeio do sul até à Escola do Magistério, instalada no antigo **convento** dos Padres da Congregação de São Filipe de Neri...*

⁵ COSTA, António Carvalho – *Corografia Portuguesa e descripçam topográfica do famoso reyno de Portugal...*, 2ª ed. Vol. 1. Braga, Typographia de Domingos Gonçalves Gouvea, 1868, p. 157. A primeira edição deste livro data de 1706 e foi impressa em Lisboa, na Tipografia de Valentim da Costa Deslandes.

⁶ CAPELA, José Viriato; FERREIRA, Ana da Cunha – *Braga triunfante ao tempo das memórias paroquiais de 1758*. Braga: José Viriato Capela, 2002, p. 271.

Outra referência pode ser encontrada num volume das actas da Câmara Municipal de Braga do segundo quartel do século XVIII. Nele se pode ver que na acta relativa à sessão havida no dia 30 de Maio de 1763⁷ também foi utilizada a palavra **convento** para referir este edifício:

*... outrossim acordaram que se continuasse o cais que se acha feito do princípio da pracinha do Campo de Santa Ana até defronte do **convento** dos padres da congregação do oratório...*

Nos finais do século seguinte, XIX pode ler-se na edição do dia 1 de Janeiro de 1890 do jornal bracarense “O Constituinte”,

*Desmoronamento. Está começado o desmoronamento da antiga casa da instrução primária que existia na cerca do extinto **Convento** dos Congregados e faceava com a cangosta contígua ao mesmo convento.*

No século XX são imensos os textos escritos que designam o edifício como convento. Vejamos apenas um, justamente editado pela então Igreja dos Congregados no momento em que terminaram as grandes obras que se estenderam durante alguns anos, dos finais da década de 1950 até 1966, intitulado *A Igreja dos Congregados. Alguns apontamentos para a sua história*⁸, opúsculo que foi publicado sem o nome do autor, mas que segundo nos foi dito pelo próprio foi escrito pelo padre Manuel Fernando Sousa e Silva que então servia ali como capelão. Na página 12, por exemplo, pode ler-se *O **Convento** dos Oratorianos de Braga... e um pouco mais à frente um incêndio que... destruiu o Arquivo do **Convento**...*

Mais recentemente, já nos inícios do presente século XXI, um antigo reitor dos Congregados, o padre Domingos Silva Araújo, escreveu no suplemento literário do jornal “Diário do Minho” uma série de cinco textos sobre o edifício com um título comum, *Basílica dos Congregados. Apontamentos para a sua história*⁹. Deve dizer-se que teve o cuidado de nunca chamar convento ao edifício, aliás este autor escreveu sobretudo sobre a igreja, sobre a basílica.

⁷ AMB. Caixa 22, Livro 44, 1758-1767, fól. 119.

⁸ Braga, [s/n Igreja dos Congregados], 1966.

⁹ Nas edições dos dias 14 e 28 de Dezembro de 2011 e 4, 18 e 25 de Janeiro de 2012.

O que é curioso é que nos seus textos se refere à capela que agora estudamos pela dupla designação de capela de Nossa Senhora da Aparecida ou dos Monges. No artigo saído na edição de 28 de Dezembro, na página VI, escreveu o seguinte:

... restaurou-se a capela de Nossa Senhora da Aparecida ou dos Monges, no primeiro andar

E noutro local deste mesmo suplemento (p. VII)

André Soares é autor... dos altares de Nossa Senhora das Dores e de Nossa Senhora da Aparecida (capela dos Monges), na basílica dos Congregados...

Por sua vez, no suplemento saído no dia 25 de Janeiro, apresenta na página IV a imagem de Nossa Senhora da Conceição, imagem que agora está na sacristia e que julgamos ser a que foi originalmente mandada fazer para esta capela dos “Monges”.

E muitas mais vezes se poderia encontrar a palavra **convento** para referenciar este edifício. Mas achamos que são suficientes – para além de cronologicamente variadas – as múltiplas transcrições que atrás fizemos.

A primeira vez que vimos esta capela ser designada como *Nossa Senhora da Aparecida* foi no livro de Robert Smith intitulado *André Soares. Arquitecto do Minho*¹⁰. Como já escrevemos noutro local, na verdade Robert Smith mal a refere, de tal forma *que nem sequer faz qualquer alusão à sua parte mais extraordinária, o lanternim, apenas aflora em seis linhas o retábulo, que reproduz*¹¹.

Na notícia do jornal “Diário do Minho” datada de 8 de Junho de 1966 onde se dá a conhecer a iminente reabertura ao culto da igreja dos Congregados após a grande campanha de obras iniciada em 1958 (*O templo dos Congregados mais enriquecido e majestoso vai abrir ao público*) pode ver-se que o jornalista foi muito mais sensível à sua arte:

Como surpresa, foi mostrada aos jornalistas uma rara joia de arte, que é a capela dos padres oratorianos, que existia entaipada e foi descoberta durante as obras. O arquitecto Frei-

¹⁰ Lisboa, Livros Horizonte, 1973.

¹¹ OLIVEIRA Eduardo Pires – *André Soares e o rococó do Minho*. Vol. 1. Porto, Faculdade de Letras/Universidade do Porto, 2012, p. 373. Acessível em <http://hdl.handle.net/10216/62456>.

tas Leal bem como os outros artistas, ficaram encantados com a beleza do pequenino templo onde foram colocadas todas as relíquias dos santos que existiam na velha sacristia e que são das mais valiosas de Portugal...

Por outro texto saído no mesmo jornal, mas em data muito mais recente, no dia 24 de Abril de 2021, intitulado *Capela de Nossa Senhora da Aparecida* e da autoria de Joaquim Gonçalves Pereira, pessoa que durante longos anos trabalhou no “Convento” dos Congregados como *sacristão e escriturário*, ficamos a saber que o retábulo que hoje se vê nesta capela estava na altura do restauro num outro lugar bastante diverso do original, mas que após a descoberta da capela o arquitecto responsável pelas obras, reconhecendo que estava ali indevidamente, deu instruções para que fosse colocado no sítio correcto:

Quando entrei ao serviço da igreja dos Congregados... em finais de 1961, a parte traseira do edifício da Igreja (rés-do-chão) compunha-se de dois espaços constituídos pela sacristia e um salão para reuniões e outras actividades. Na parte poente desse salão existia um arco cruzeiro (e que se mantém) onde estava incrustado o retábulo de N^a S^a da Aparecida. Diga-se, agora, que esses espaços são parte integrante da atual Capela das Confissões (na parte nascente) e da Sacristia (na parte poente) onde no referido arco cruzeiro está estabelecido um lavabo e respectivos toalheiros.

Quando das obras de remodelação geral da Igreja e anexos, levadas a cabo na década de 60 (entre 1964 e 1966) sob a orientação do Arq. Freitas Leal (de Lisboa), este reconheceu que esse retábulo da autoria do Arq. André Soares, mediante prévia medição, teria sido indevidamente deslocado da capela existente no andar superior, denominada por capela dos Frades (Frades Oratorianos que, então, ocupavam o espaço do primeiro andar) esta com duas varandas viradas sobre a Capela-mor da Igreja, pelo que, de comum acordo com a Irmandade de N^a S^a das Dores, ordenou se procedesse ao retomo desse retábulo para o seu local de origem, diga-se a Capela de N^a S^a da Aparecida...

Joaquim Gonçalves Pereira referia-se ao tempo em que a igreja e a pequenina parte do convento que lhe estava anexa fora restau-

rada. É interessante ver-se que no pequenino livro atrás referido e que nesta data foi escrito pelo padre que servia de capelão, *A Igreja dos Congregados. Alguns apontamentos para a sua história* (p. 36), há apenas duas curtíssimas linhas sobre esta capela sem, porém, lhe ser dado qualquer nome:

*No primeiro andar destacamos, com especial interesse, o restauro de uma **Capela do séc. XVIII** – uma peça com muito interesse do barroco nortenho.*

Com estes textos não fica resolvido o conhecimento da data em que foi colocada uma imagem com a invocação de *Aparecida* nesta capela. Mas achamos serem suficientes para que se possa perceber que não era esse o culto original. Deveria sim ter havido ali uma imagem de Nossa Senhora da Conceição que foi com toda a certeza retirada quando se introduziu a de Nossa Senhora da Aparecida. Em que data foi feita a mudança? Não sabemos. Sabemos apenas que em uma conversa que o senhor Joaquim Gonçalves Pereira teve com a funcionária da secretaria, dona Maria da Graça, no dia 13 de Outubro de 2022, ele lhe disse que quando viera trabalhar para a igreja dos Congregados (finais de 1961) a imagem já estava colocada no retábulo que está na capela dos “Monges”. Relembramos apenas que naquela data este retábulo estava deslocado no rés-do-chão, algures no local que corresponde hoje à capela das confissões.

Sabemos que ao contrário do que acontece no Brasil a invocação de Nossa Senhora da Aparecida não é, em Portugal, uma das que recebeu maior aplauso das populações. Por isso, com a ajuda do *google* percorremos o território português à procura de informações sobre locais onde podem ser encontrados templos com esta invocação.

Para além da existência de algumas pequenas capelas (Felgueiras, Sernancelhe, Estarreja...), encontramos apenas dois locais em que a devoção atingiu um grande vulto no nosso país. Uma é a que apresenta a data mais antiga, remonta ao ano de 1702 e está situada na freguesia de Balugães, concelho de Barcelos: é o santuário de Nossa Senhora da Aparecida, cujas festas maiores têm lugar no dia 15 de Agosto¹². Refira-se que apesar da data o formato da Virgem não tem

¹² RIBEIRO, Bartolomeu – *Nossa Senhora da Aparecida: primeira aparição mariana em Portugal. 1702*. 2ª ed. Barcelos, Confraria de Nossa Senhora da Aparecida de Balugães, 1958.

o desenho de Nossa Senhora da Assumpção tem, sim, o de Nossa Senhora da Conceição.

A outra referência diz também respeito a um santuário; está localizado na freguesia de São Pedro Fins do Torno, concelho de Lousado, distrito do Porto. Até 1882 esta freguesia esteve sob a alçada da arquidiocese de Braga; após este ano passou para a alçada da diocese do Porto¹³. Este culto teve início *aí pelo* ano de 1823, após o aparecimento de uma imagem da Virgem no adro de uma capela existente há muitos anos – em outras versões da lenda diz-se que a imagem apareceu ao escavar uma mina que estava aluída, mina que antes era habitada pelo ermitão da capela e que depois lhe serviu de sepultura –, dedicada a Nossa Senhora da Conceição¹⁴. Repare-se que aqui a festa também tem lugar em meados de Agosto, entre os dias 13 e 15.

Esta capela de Nossa Senhora da Conceição foi construída em data que desconhecemos. Sabemos que foi acrescentada e alargada a partir de 1757¹⁵ e que por razões que também estão fora do nosso conhecimento estas obras se estenderam por um período relativamente longo, de quatro anos, só recebendo autorização para ser benzida em Maio de 1761¹⁶. Em 1763 foi colocado nela um confessionário¹⁷, o que eventualmente poderá significar que estava a receber bastante frequência da população, até porque está situada num local próximo da igreja matriz. Em 15 de Outubro de 1784 ainda se pode registar mais uma referência a esta capela, a *Provisão de adicao e fixacao... a favor de Antonio Ribeiro da Costa, clerigo in minoribus da mesma freguesia*¹⁸.

¹³ [https://pt.wikipedia.org/wiki/Torno_\(Lousada\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Torno_(Lousada)). Página consultada em 7 de Dezembro de 2022.

¹⁴ Vejam-se sobretudo dois sites; um é o do local enquanto espaço sagrado que está bastante bem feito (https://pt.wikipedia.org/wiki/Santuário_da_Nossa_Senhora_Aparecida). O outro é a ficha elaborada pela Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais http://www.monumentos.gov.pt/site/app_pagesuser/SIPA.aspx?id=31187. Ambas estas páginas foram consultadas em 7 de Dezembro de 2022.

¹⁵ *Registo de provisao de licenca a favor do Paroco e fregueses de Sao Pedro Fins do Torno, para acrescentarem e alargarem a capela de Nossa Senhora da Conceicao da sua freguesia*. ADB. Registo Geral, vol. 123, fls. 210-211.

¹⁶ *Registo de provisao a favor de Felix Antonio Borges, vigario de Sao Pedro Fins do Torno, para poder benzer a capela de Nossa Senhora da Conceicao sita na mesma freguesia*. ADB. Registo Geral, vol. 62, fls. 276-276v.

¹⁷ *Registo de provisao a favor do Vigario Felix Antonio Borges e alguns sacerdotes e fregueses da freguesia de Sao Pedro Fins do Torno, para na capela de Nossa Senhora da Conceicao da sua freguesia poder colocar um confessionário*. ADB. Registo Geral, vol. 85, fls. 404-405.

¹⁸ ADB. Registo Geral, vol. 225, fól. 295.

Usando outro local privilegiado para este tipo de buscas, as quase quatro centenas de volumes da série do arcebispado bracarense intitulada *Registo Geral* e que estão à guarda do Arquivo Distrital de Braga, nós apenas encontramos uma referência relativa ao santuário de Balugães, datada de 1771¹⁹. E duas à construção de capelas com esta invocação, uma localizada na freguesia de S. Clemente de Basto, concelho de Celorico de Basto (1789 – 1793²⁰) e outra na de Gondar, concelho de Caminha (1797 e 1798²¹). Curiosamente o *Registo Geral* tem – como atrás pudemos ver – várias referências à capela de Nossa Senhora da Conceição de S. Pedro Fins de Torno, Lousado; mas não ficou registada nenhuma provisão assinalando a mudança do seu orago para Nossa Senhora da Aparecida.

Utilizando ainda mais outro local privilegiado para esta pesquisa, o grande inventário feito por um investigador sempre extremamente cuidadoso, o cônego Manuel Aguiar Barreiros, no final do primeiro terço do século XX sobre as invocações da Virgem que estão espalhadas pela área da arquidiocese de Braga²² – mas que na realidade se circunscreveu ao Minho e às fímbricas do distrito do Porto que naquele tempo pertenciam à arquidiocese –, veremos que o autor apenas referencia o culto de Nossa Senhora da Aparecida em Balugães²³. Mas mais ainda: nas páginas 23 a 26 deste seu livro ele teve o cuidado de fazer o inventário das 49 imagens da Virgem existentes na cidade de Braga. E em nenhum local referiu a invocação de Nossa Senhora da Aparecida!

É aliás muito curioso que Aguiar Barreiros registre a existência de duas invocações na igreja dos Congregados: a de Nossa Senhora das Dores (a quem o padre oratoriano Martinho Pereira votava uma imensa devoção²⁴) e a de Nossa Senhora da Conceição. Se da primeira

¹⁹ *Registo de provisao para se dizer missa na capela do Senhor dos Passos, contigua a capela de Nossa Senhora da Aparecida da freguesia de Sao Martinho de Balugaes, a favor do Reverendo Antonio da Cunha, abade da igreja da dita freguesia.* ADB. Registo Geral, vol. 79, 236-236v.

²⁰ ADB. Registo Geral, vol. 226, fól. 195v; vol. 227, fls. 124, 127 e 258-258v; e vol. 294, fls. 274v-276.

²¹ ADB. Registo Geral, vol. 232, fls. 227 e 250-253.

²² BARREIROS, Manuel Aguiar – *Nossa Senhora nas suas imagens e no seu culto na arquidiocese de Braga*. Braga, Edição da Revista “Opus Dei”, 1931, p. 118-120.

²³ BARREIROS, Manuel Aguiar – *Nossa Senhora nas suas imagens e no seu culto na arquidiocese de Braga*. Braga, Edição da Revista “Opus Dei”, 1931, p. 118-120.

²⁴ PEREIRA, Martinho – *Collecção sacro-dolorosa correcta e augmentada, em que se persuade a terníssima Devoção das Dores da Mãe de deos, e se ensinão muitos, e diversos modos de a obsequiar...* Lisboa, Na Officina de Francisco Luiz Ameno, 1791.

não há dúvidas que estava em altar próprio – mas naquela data colocado do lado do evangelho –, não podemos deixar de lamentar que não tenha deixado nenhuma indicação sobre o local onde se encontrava a segunda. Estaria no retábulo que hoje vemos na capela dos “Monges”? Por razões que iremos dar mais adiante nós acreditamos que é muito possível que sim.

Juntemos uma última referência. Em outro local fundamental para fazer pesquisas sobre objectos artísticos religiosos na área da arquidiocese de Braga, o catálogo da Exposição Mariana que teve lugar em Braga no ano de 1954²⁵, não deixa de ser significativo que o responsável pela exposição, de novo o Cónego Manuel Aguiar Barreiros, apenas cite a existência de uma pequenina escultura com a invocação de Nossa Senhora da Aparecida. É uma imagem datável do século XVIII, com 52 centímetros de altura e é proveniente do Santuário de Balugães; é a peça nº 125 (entre as 505 peças que expôs) e está reproduzida na lâmina XIII. Não refere, portanto, nenhuma Senhora da Aparecida no espaço do “Convento” dos Congregados.

Sabendo-se do fortíssimo relacionamento que existiu no século XVIII entre o Minho e o estado brasileiro de Minas Gerais poderia pensar-se que o santuário existente em Balugães tivera origem na devoção de um “torna-viagem” setecentista. A verdade, porém, é que não só 1702 é uma data demasiado precoce para este relacionamento como, também, o relato da aparição desta imagem no país irmão teve lugar não no território de Minas Gerais, mas sim em Guaratinguetá, no estado de São Paulo. Acresce ainda que a data mais antiga desta aparição nos remete apenas para o ano de 1717, ou seja, para 15 anos depois da que ocorrera em Balugães. Além disso, a primeira capela dedicada ao seu culto foi iniciada em Guaratinguetá apenas no ano de 1734 e só teve abertura pública em 26 de Julho de 1745. A grande difusão deste culto no Brasil aconteceu somente após a visita que no dia 20 de Abril de 1822 o príncipe regente D. Pedro e a sua comitiva fizeram ao santuário. Mas seria sobretudo, após 1904, ano em que a imagem foi coroada como rainha do Brasil pela princesa Isabel, que a sua fama explodiu em todo o Brasil. Em 1908 a igreja recebeu o título de Basílica Maior²⁶.

Mas não adianta falar mais sobre esta imagem porque quando a comparamos com a de Balugães elas não têm nada, absolutamente

²⁵ BARREIROS, Manuel Aguiar – *Ensaio iconográfico. Exposição Mariana*. Braga, 1954.

²⁶ Estas informações foram recolhidas no dia 7 de Outubro de 2022 no site https://pt.wikipedia.org/wiki/Nossa_Senhora_da_Concei%C3%A7%C3%A3o_Aparecida

nada que do ponto de vista iconográfico as aproxime. Bastará dizer que a portuguesa é uma virgem branca e a brasileira é uma virgem negra, que uma tem um menino ao colo e a outra tem as mãos unidas em prece...

Claro está que há aqui outra questão que tem de ser aqui colocada: qual era a invocação da Virgem a que os Oratorianos estavam mais ligados, por quem tinham uma maior devoção? Eugénio dos Santos foi o investigador que em Portugal levou mais longe o estudo sobre estes homens, de tal forma que lhes consagrou a sua tese de doutoramento²⁷. Num ponto do seu estudo, quando discute sobre a enorme importância que estes religiosos davam ao culto das relíquias²⁸, ensina-nos (p. 135):

Recomendava-se a todos, de uma forma especial, a devoção à Virgem, rezando-se-lhe o ofício ou terço e ladainha, obrigando-se os oratorianos com juramento a «defender a Imaculada Conceição».

O que é que estas suas palavras nos ensinam? Uma coisa muito simples: que a haver uma imagem nesta capela privativa dos oratorianos, capela que pelas suas diminutas dimensões teria espaço para a colocação de apenas um retábulo de pequenas dimensões, retábulo em que não deveria haver local para a colocação de mais do que uma imagem, esta seria, muito certamente, a de uma invocação da Virgem e, muito concretamente, a da *Imaculada Conceição*. E de maneira alguma de Nossa Senhora da Aparecida, um culto que em parte nenhuma da sua tese de doutoramento aparece referenciado.

Refira-se, por fim, que a imagem que agora está nos Congregados é uma cópia da que se pode ver na freguesia de S. Pedro Fins do Torno, concelho de Lousada, santuário implantado em uma capela mais antiga – curiosamente dedicada a Nossa Senhora da Conceição –, cuja imagem de Nossa Senhora da Aparecida está referenciada apenas a partir de 1823, ou seja, cerca de 48 anos após ter sido construída a capela dos Oratorianos.

²⁷ SANTOS, Eugénio – *O Oratório no Norte de Portugal: contribuição para o estudo da história religiosa e social*. Porto: INIC / Centro de História da Universidade do Porto, 1982.

²⁸ Relembramos aqui que o retábulo de Nossa Senhora das Dores é um altar relicário. E que na capela dos “Monges” há um bom conjunto de relicários, alguns muito possivelmente com desenho concebido por André Soares.

Diga-se, por fim, que estas imagens – Nossa Senhora da Conceição e Nossa Senhora da Aparecida – têm uma dimensão muito semelhante: a primeira tem 96,5 centímetros de altura e a segunda tem 1 metro. Ou seja, a diferença é mínima, apenas 3,5 centímetros; mas poderá ser menor se considerarmos as bases em que estão implantadas.

A MODO DE CONCLUSÃO

Qual deverá ser a denominação que deverá ser utilizado para referenciar esta capela? Nós, mesmo sabendo que os oratorianos eram padres e que, excepcionalmente poderiam ter consigo leigos, preferimos a de “Monges”, atendendo a que o local em que se insere foi desde há séculos sempre conhecido como “convento”. E temos esta preferência precisamente por essa razão: porque, como demonstramos, é absolutamente inquestionável que a designação que a cidade dá a este enorme e magnífico edifício há quase três séculos e meio é a de **Convento** dos Congregados.

Mas aceitaríamos perfeitamente que passasse a ser conhecida como de **capela de Nossa Senhora da Conceição** caso a imagem que agora se encontra na sacristia, no rés-do-chão, voltasse para o seu local original. Transferir a imagem de **Nossa Senhora da Conceição** para esta capela seria, quanto a nós, a solução mais correcta pois assim seria reposta a verdade histórica. E desta forma o retábulo do século XVIII (1768?) voltaria a ter uma imagem do século XVIII (acreditamos que essa seja a imagem original) em vez de outra feita no século XX e que é representativa de um culto e de uma variante iconográfica que apenas surgiu no final do primeiro quartel do século XIX!

A designação que deve ser dada a esta capela é, porém, quanto a nós, um problema de somenos. O que é muito, muitíssimo importante, é a extrema qualidade da sua arquitectura – e nomeadamente a do seu extraordinário lanternim – e, também, do seu belíssimo retábulo, que para além de ter um desenho requintado recebeu uma execução primorosa!

CRONOLOGIA

- . 1702. Início do Santuário de Nossa Senhora da Aparecida, em Balugães, concelho de Barcelos.
- . 1717. Início do culto de Nossa Senhora da Aparecida, em Guaratinguetá, Estado de S. Paulo, Brasil.
- . 1768 (?). Construção da capela dos “Monges”, no segundo piso do “convento” dos Congregados, em Braga. Teria originalmente uma imagem de Nossa Senhora da Conceição.
- . 1823. Início do culto a Nossa Senhora da Aparecida, na capela de Nossa Senhora da Conceição, em S. Pedro Fins do Torno, concelho de Lousado.
- . Século XIX (???). Transferência do retábulo da capela dos “Monges”, no “convento” dos Congregados, do local original para o piso térreo.
- . Primeira metade da década de 1960 (?). Colocação da imagem de Nossa Senhora da Aparecida (variante do santuário de S. Pedro Fins do Torno, concelho de Lousado) na antiga capela de Nossa Senhora da Conceição, no “convento” dos Congregados, em Braga.
- . Primeira metade da década de 1960. O retábulo da capela dos “Monges” volta para o seu local primitivo.

BIBLIOGRAFIA

Manuscritos

ADB (Arquivo Distrital de Braga). Nota do Tabelaio Geral 1ª série, vol. 446, 502.

ADB. Registo Geral, vols. 62, 79, 85, 123, 226, 227, 232 e 294.

Impressos

A Igreja dos Congregados. Alguns apontamentos para a sua história. Braga, [Igreja dos Congregados], 1966.

ARAÚJO, Domingos Silva – *Basílica dos Congregados. Apontamentos para a sua história.* “Diário do Minho. Cultura”. 14 e 28 de Dezembro de 2011 e 4, 18 e 25 de Janeiro de 2012.

BARREIROS, Manuel Aguiar – *Ensaio iconográfico. Exposição Mariana.* Braga, 1954.

BARREIROS, Manuel Aguiar – *Nossa Senhora nas suas imagens e no seu culto na arquidiocese de Braga.* Braga, Edição da Revista “Opus Dei”, 1931.

CAPELA, José Viriato; FERREIRA, Ana da Cunha – *Braga triunfante ao tempo das memórias paroquiais de 1758.* Braga: José Viriato Capela, 2002.

- COSTA, António Carvalho – *Corografia Portuguesa e descripçam topográfica do famoso reyno de Portugal...* 2ª ed. Vol. 1. Braga, Typographia de Domingos Gonçalves Gouvea, 1868.
- COUTINHO, Azevedo – *Guia do viajante em Braga*. 2ª edição, Braga, s/n, 1905.
- Desmoronamento*. “O Constituinte”, Braga, 1 de Janeiro de 1890.
- Guia de Braga. Arte e turismo*. Braga, Câmara Municipal. 1959.
- OLIVEIRA, Eduardo Pires – *André Soares e o rococó do Minho*. 4 vols. Tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras / Universidade do Porto, 2012. Acessível em <http://hdl.handle.net/10216/62456>
- PEREIRA, Joaquim Gonçalves – *Capela de Nossa Senhora da Aparecida*. “Diário do Minho”, Braga, 24 de Abril de 2021.
- PEREIRA, Martinho – *Collecção sacro-dolorosa correcta e augmentada, em que se persuade a terníssima Devoção das Dores da Mãe de deos, e se ensinam muitos, e diversos modos de a obsequiar...* Lisboa, Na Officina de Francisco Luiz Ameno, 1791.
- RIBEIRO, Bartolomeu – *Nossa Senhora da Aparecida: primeira aparição mariana em Portugal*. 1702. 3ª ed. Barcelos, Confraria de Nossa Senhora da Aparecida de Balugães, 1987 (1ª ed: 1935, 2ª ed. 1958).
- SANTA MARIA, Agostinho de – *Santuário Mariano*, vol. 4. Lisboa, Na Officina de António Pedro Galram, 1712, pp. 118-119.
- SANTOS, Eugénio – *O Oratório no Norte de Portugal: contribuição para o estudo da história religiosa e social*. Porto: INIC / Centro de História da Universidade do Porto, 1982.
- SMITH, Robert C. – *André Soares. Arquitecto do Minho*. Lisboa: Livros Horizonte, 1973.
- O templo dos Congregados mais enriquecido e majestoso vai abrir ao público* “Diário do Minho”, Braga, 8 de Junho de 1966.

Webgrafia

- [https://pt.wikipedia.org/wiki/Torno_\(Lousada\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Torno_(Lousada))
- https://pt.wikipedia.org/wiki/Santuário_da_Nossa_Senhora_Aparecida
- http://www.monumentos.gov.pt/site/app_pagesuser/SIPA.aspx?id=31187



1 – Capela de Nossa Senhora da Conceição



2 – Nossa Senhora da Conceição



3 – Capela de Nossa Senhora da Aparecida